



José Bernardo

(Celorico da Beira ou Setúbal, ???/1907 ou 1908 – Setúbal, (29/11/1987)

Um dirigente libertário local no 18 de janeiro de 1934

Filho de Pedro Bernardo e de Adelaide Ferreira, nasceu – segundo a documentação policial – em 1908, na freguesia de Prados, em Celorico da Beira. Segundo outra investigação, terá nascido em Setúbal, no primeiro dia de 1907. (FREIRE, 2013, p: 45).

Soldador na Sociedade Mecânica Setubalense, desportista no S. Domingos FC e dirigente anarcossindicalista, foi um dos membros da 1.ª direção do Sindicato Único dos Trabalhadores das Fábricas de Conservas de Peixe de Setúbal, entre 1931 e 1932, representando a sua classe. Abandonou este cargo depois de ter sido perseguido por se manifestar contra o lançamento do desconto salarial de 2% para o fundo de desemprego. (*MANUSCRITO 2755 DE JORGE QUARESMA*).

Residente no n.º 3 (ou no n.º 22) da rua da Alegria, na cidade do Sado, era casado com Irene de Jesus quando foi preso pelo Comando Distrital de Setúbal da PSP, em 11 de janeiro de 1934, por estar envolvido na preparação da greve geral revolucionária de 18 de janeiro seguinte. Esta iria protestar contra a «fascização dos sindicatos» e o Estatuto do Trabalho Nacional, publicado meses antes. A detenção ocorreu depois de o comité setubalense, no dia 7, e com o auxílio de Jaime Rebelo, ter testado – na zona do Moinho Novo – uma das cerca de 60 bombas que tinham adquirido para destruir os meios de comunicação locais. Para além deste engenho explosivo, o comité de que fazia parte José Bernardo difundiu diversos manifestos e propaganda clandestina, apelando à participação na greve.

Em 10 de outubro de 1934 foi julgado no Tribunal Militar Especial, acusado de, entre dezembro de 1933 e janeiro de 1934, «fazer parte do Comité Grevista Revolucionário de Setúbal, tendo efetuado várias reuniões nos arredores daquela cidade, preparatórias de um movimento revolucionário grevista contra o Governo constituído.» (*CADASTRO N.º 6981 DA PVDE*).

José dos Cabritos, alcunha deste libertário, após ter permanecido em diferentes calabouços, nomeadamente, no Aljube (setembro - dezembro de 1934), em Peniche (dezembro 1934 - junho 1935) e em Angra do Heroísmo (junho 1935 - outubro 1936), foi condenado a pagar uma multa de 6 mil escudos e a 3 anos de degredo. Em 17 de outubro de 1936 embarcou para a Colónia Penal do Tarrafal, onde permaneceu quase 4 anos, sendo libertado apenas em 15 de julho de 1940 (*REGISTO GERAL DE PRESOS*, livro n.º 2, Preso n.º 246). **[DF]**



FONTE: REGISTO GERAL DE PRESOS, LIVRO N.º 28, PRESO N.º 5508. ANTT - ARQUIVO NACIONAL DA TORRE DO TOMBO, PIDE/DGS. SERVIÇOS CENTRAIS



José Manuel Alves dos Reis

(Setúbal, 17/02/1894-Tarrafal, 11/06/1943)

O setubalense que perdeu a vida no Tarrafal

Filho de José Francisco Alves dos Reis e de Maria da Conceição, casou com Adélia Augusta da Conceição Alves dos Reis e teve três filhos. Foi marceneiro durante vários anos antes de conseguir juntar uma pequena quantia para se tornar proprietário de uma taberna (café) na Estrada Nova (Montijo). Residia na antiga rua França Borges, na mesma localidade, quando foi preso em casa por ordem do administrador do concelho do Barreiro, em 13 de dezembro de 1936.

Da sua prisão, e respetivo interrogatório, resultou a detenção de António Augusto Russo, de Sebastião Salvador Rosinha e de José Ricardo do Vale, todos